

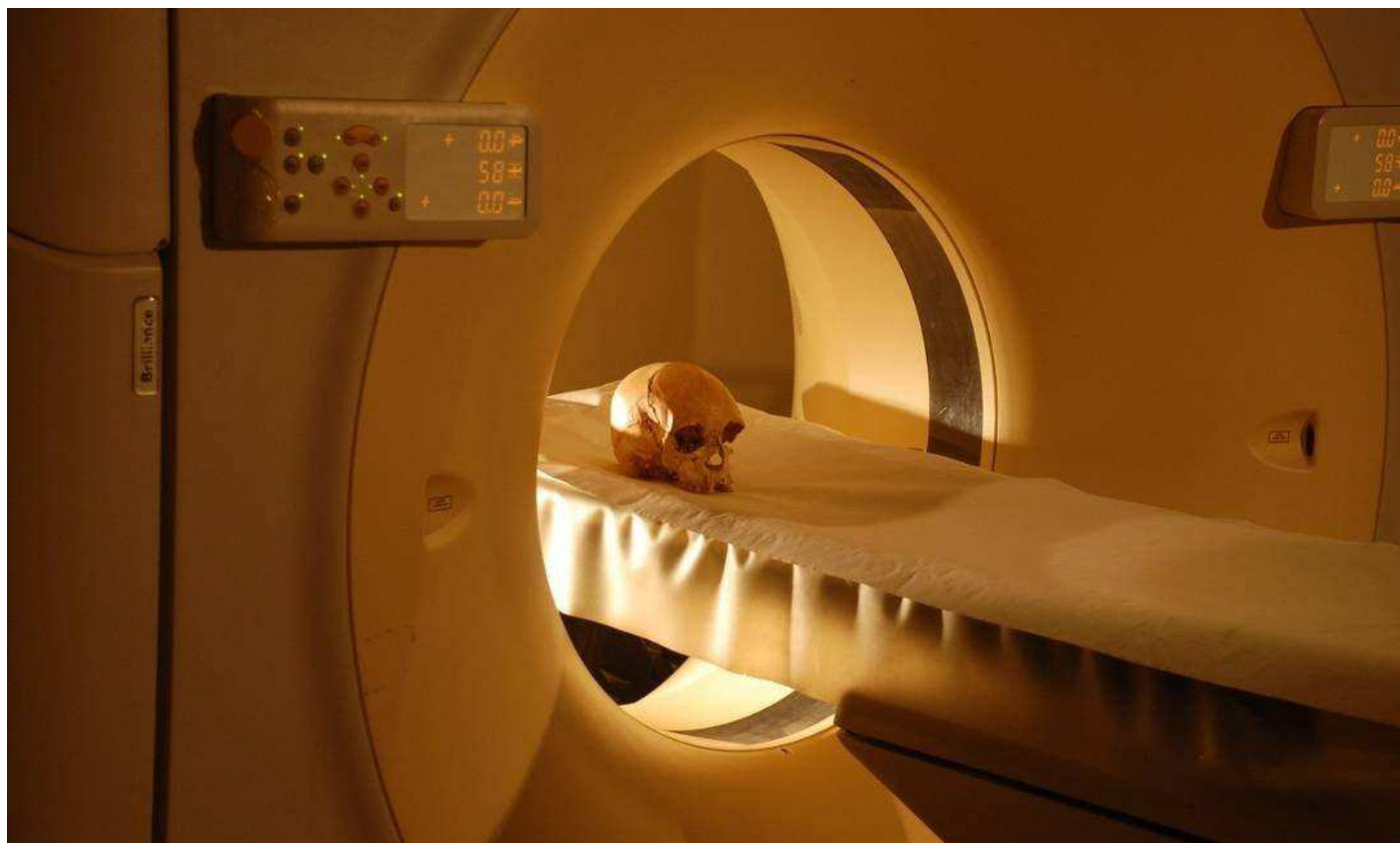
Recursos de diagnóstico ajudam a recuperar a história do Brasil

Saiba como a Dasa auxiliou o Museu Nacional na reconstrução do crânio de Luzia e outras peças

POR G.LAB PARA DASA

11/09/2019 - 11:33 / Atualizado em 11/09/2019 - 11:38

Conteúdo de responsabilidade do anunciante



O crânio de Luzia durante processo de digitalização Foto: Divulgação

Um dos maiores incêndios da história do Brasil destruiu, na noite de 2 de setembro de 2018, quase todo o acervo histórico e científico do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Entre os vinte milhões de itens catalogados, parte de uma coleção formada ao longo de duzentos anos, estava o crânio de Luzia, o fóssil humano mais antigo da América do Sul.

Uma perda inicialmente irreparável, a peça voltou aos holofotes graças a tecnologia empregada pela Clínica de Diagnóstico por Imagem (CDPI), um dos laboratórios da Dasa, líder brasileira em medicina diagnóstica. Foi lá que, a partir de 2002, o acervo do Museu Nacional passou a ser digitalizado - um trabalho que, quase duas décadas mais tarde, seria responsável pela recuperação de parte importante da história do país.

“Durante esse período, não apenas o crânio da Luzia, mas fósseis de dinossauros e múmias egípcias passaram pelos equipamentos de ponta do laboratório, gerando mais de 300 tomografias. Tudo graças ao investimento de R\$ 1 milhão que fizemos para a realização do projeto - sem cobrar nenhum valor para processar as imagens”, afirma Romeu Domingues, presidente do conselho da Dasa.

Agora, muitas dessas peças têm retornado ao acervo por conta da tecnologia de digitalização combinada a inventividade de pesquisadores, que desenvolveram uma técnica de reconstrução que consiste na aplicação das cinzas retiradas dos escombros, carvão e madeira queimada comum à resina para impressora 3D. O resultado pode ser conferido nas peças já recuperadas.



Digitalização foi responsável pela recuperação de parte importante do acervo do Museu Nacional Foto: Divulgação

A base utilizada para esse trabalho foi um estudo que teve início no CDPI com o radiologista Iugiro Kuroki, os professores Jorge Lopes, designer do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) e chefe do laboratório NEXT da PUC-Rio, e Sérgio Azevedo, pesquisador e diretor do Museu Nacional entre os anos de 2002 e 2010. A partir dele, iniciou-se também uma pesquisa pioneira de reconstrução 3D de fetos com o ginecologista, obstetra e especialista em medicina fetal da Dasa, Heron Werner.

PUBLICIDADE

Alguns registros do processo de digitalização podem ser vistos nos livros "Tecnologias 3D - Paleontologia, Arqueologia e Fetologia", de 2009, que conta com fotos do crânio de Luzia sendo "tomografado", e "Tecnologias 3D - Desvendando o Passado, Modelando o Futuro", de 2013, que traz mais peças do Museu Nacional impressas em 3D.

Uma terceira obra, "Seen/Unseen" (Visível/Invisível, em português), assinada pelo médico Heron Werner em parceria com designer Jorge Lopes, chega às livrarias este ano mostrando como o uso das tecnologias 3D tem um papel fundamental na visualização e materialização de peças históricas.

“Sem antecedentes no Brasil, o projeto de criação de um arquivo digital de peças de museu mostra nossa preocupação não apenas com a inovação na medicina, mas também com a história do nosso país”, finaliza Domingues.

Perdido no incêndio, hoje o crânio de Luzia, um fóssil com mais de 11 mil anos que retrata a mulher mais antiga da América que se tem conhecimento, poderá ser apreciado por futuras gerações.